



TEMAS CRISTÃOS
110-111

A MATURIDADE

RAFAEL LLANO CIFUENTES

A MATURIDADE

3ª edição



QUADRANTE

São Paulo

2021

Copyright © 2003 Quadrante Editora

Capa
Douglas Catisti

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Llano Cifuentes, Rafael

A maturidade / Rafael Llano Cifuentes – 3ª ed. – São Paulo : Quadrante, 2021.

ISBN: 978-65-86964-48-6

1. Maturidade (Psicologia) 2. Psicologia religiosa 3. Vida cristã I. Título II. Série.

CDD 200.19

Índice para catálogo sistemático:

1. Maturidade : Psicologia religiosa 200.19

Todos os direitos reservados a

QUADRANTE EDITORA

Rua Bernardo da Veiga, 47 - Tel.: 3873-2270

CEP 01252-020 - São Paulo - SP

www.quadrante.com.br / atendimento@quadrante.com.br

Sumário

A MATURIDADE, HOJE.....	7
«O critério não é a idade, é o homem».....	7
Idade cronológica e idade psicológica.....	9
O filme da nossa época	15
O PERFIL DA MATURIDADE	21
Da infância à adolescência.....	21
O perfil da imaturidade e o da maturidade.....	25
PARA CRESCER EM MATURIDADE.....	29
A capacidade de assimilar as próprias experiências.....	29
<i>Memória e vida</i>	31
<i>Traumas salutares</i>	35
<i>Aprender a meditar</i>	38
Viver de convicções, superando impulsos.....	40
<i>Convicções vitais</i>	42
<i>Ideal e sentido de missão</i>	45
Dominar-se a si próprio.....	48
<i>Vencer a imaginação</i>	51
<i>Superar os condicionalismos da vida passada</i>	54
<i>Domar o temperamento e as paixões</i>	57

Ser objetivo: ter sentido da realidade.....	61
<i>Objetividade e paciência</i>	63
<i>Prudência</i>	67
<i>Aceitação de si e subjetivismo</i>	73
Vencer o egoísmo narcisista	77
<i>Pensar nos outros</i>	79
<i>Ganhar responsabilidade</i>	83
<i>O cumprimento do dever</i>	89
<i>Procurar a solidariedade</i>	92
<i>Disposição de chegar ao sacrifício</i>	95
DIMENSÕES FUNDAMENTAIS DA MATURIDADE	101
A maturidade afetiva	101
<i>A imaturidade no amor</i>	103
<i>Educar a afetividade</i>	106
A maturidade espiritual	109
<i>Cooperar com a graça</i>	112
<i>Maturidade, santidade e bom humor</i>	118
ROTEIRO PARA A MATURIDADE	123

A maturidade, hoje

«O critério não é a idade, é o homem»

Experimentamos uma agradável sensação de confiança quando nos encontramos ao lado de um homem que, pelas suas atitudes, pelo seu modo de encarar a vida e de abordar os problemas, parece ter uma abertura de cabeça e de coração capaz de avaliar corretamente as situações, de dar um parecer ponderado sobre o valor das coisas e das pessoas e, especialmente, de compreender-nos intimamente, de poder aconselhar-nos. Diante desse homem, pensamos: «Eis uma pessoa cabal, firme, confiável, ponderada... Eis uma pessoa *madura*».

Paralelamente, mas em sentido contrário, ficamos inquietos diante de uma personalidade instável, que parece mexer-se de um lado para outro como um catavento, ao sabor dos seus gostos e conveniências... Dá a impressão

de só pensar no seu próprio benefício, de viver na dependência dos seus interesses momentâneos... Não tem convicções profundas... Parece que os anos resvalam por cima dela sem deixar nenhum sedimento de experiência, segurança, firmeza... Diante de uma pessoa como essa, sentimo-nos inclinados a dizer: «É um homem superficial, inconsistente... Não gostaria de assumir um compromisso com ele, de solicitar-lhe um conselho... Não merece confiança: falta-lhe *maturidade*».

Reparemos que a avaliação destas duas personalidades tão diferentes independe, em certa medida, da idade. Os anos influem grandemente no grau de maturidade de uma pessoa, mas não a condicionam ineludivelmente. Podemos encontrar uma notável maturidade em pessoas muito jovens, e uma imaturidade quase infantil em homens e mulheres que já ultrapassaram os cinquenta anos.

É certo que cada momento da existência tem um significado peculiar: a «juventude», a «idade madura» e a «senilidade» têm o seu cunho próprio. Mas também é necessário levar em conta o que dizia um experiente general da Segunda Guerra Mundial: «A juventude não é uma época na vida, mas uma qualidade da alma. Se os anos enrugam a pele, perder o ideal, perder a esperança, enrugam a alma». Algo parecido se poderia dizer da maturidade: a maturidade não é própria apenas de quem ultrapassou os quarenta anos de idade, mas é patrimônio daqueles que conseguiram adquirir uma série de características que a tipificam como uma verdadeira *qualidade da alma*, não como uma época da vida.

Um dos que conheceram John Kennedy mais de perto, Sorensen, recolhe na sua conhecida biografia uma pergunta de Truman ao candidato à presidência, aludin-

do à sua juventude: «O senhor tem a certeza de que está preparado para o país ou de que o país está preparado para tê-lo como presidente? Nós temos necessidade de um homem com a maior maturidade e experiência possíveis [...]. Posso exortá-lo a ter paciência e a esperar a próxima eleição?»

Kennedy, com a maior segurança, respondeu: «Não me lembro de ter demonstrado falta de bom senso ou de responsabilidade nos últimos quatro anos [em que fora senador], *O critério não é a idade; o critério é o homem...* Há um século, Abraham Lincoln também foi questionado nesse sentido pelos veteranos da política, e a sua resposta foi esta: «Se há um trabalho para mim, creio que estou preparado». Pois bem, digo-lhe – continuou Kennedy – que, se esta nação me escolher para ser seu presidente, creio que estou preparado»¹.

Idade cronológica e idade psicológica

Todos podemos comprovar cotidianamente essa verdade que acabamos de expor e que se poderia sintetizar assim: em muitos casos, a *idade psicológica* não corresponde à *idade cronológica*. Podemos dizer que nem todos os adultos são adultos, como nem todos os menores são menores.

O que realmente chama a atenção é que até agora não se tenha encontrado nenhum critério efetivo para analisar algo tão importante como essa qualidade central do caráter. Observamos a toda hora que inúmeros indivíduos que ostentam posições de influência – deputados, juízes,

(1) T.H. Sorensen, *Kennedy*, Aster, Lisboa, págs. 156-158.

prefeitos, professores universitários e até presidentes da República – têm um nível psicológico claramente imaturo. Há provas psicotécnicas e vestibulares acadêmicos, mas não há um critério que selecione as pessoas pelo seu grau de maturidade.

Quais são as causas que originam este fenômeno?

A imaturidade deve-se, em primeiro lugar, a uma espécie de *paralisação*, de «*fixação*» numa determinada época da vida – infância, adolescência, primeira juventude... – que retarda o desenvolvimento normal da personalidade. Um adulto acriançado que se encontre, por exemplo, na faixa dos trinta anos, continuará a procurar a solução dos seus problemas de adulto por meio dos recursos infantis; ou seja, procurará, por um procedimento pueril, infantilizado, resolver conflitos que só podem ser superados de maneira adulta.

Uma criança costuma aprender muito cedo que é capaz de obter o que deseja gritando, batendo o pé, chegando até a engasgar e a corar para amedrontar e dobrar os pais. Se tiver pais bem orientados, pode ser ajudada a superar esse modo infantil de lidar com os problemas. Mas se tiver pais insensatos, que cedem mil e uma vezes às suas exigências impositivas, acabará por utilizar, quando for um quarentão, métodos equivalentes ao processo de gritar ou bater o pé: terá explosões periódicas, reagirá às naturais dificuldades de relacionamento no trabalho como se fossem ofensas pessoais, recorrerá aos amuos e às mágoas e, ao ver que isso já não produz o efeito desejado, refugiar-se-á no ressentimento.

Vejamus um caso. Um garotinho, que precisava de atenção e carinho, aprendeu que as pessoas riam quando ele deixava outros em situação ridícula. Ainda não tinha

a capacidade de entender o que significa magoar alguém. Interessava-lhe apenas obter o que desejava: chamar a atenção ou mostrar-se superior. Mas não conseguiu superar essa atitude mais tarde e ficou incrustado na infância, de forma que aos quarenta anos o vemos fazer gozações e pregar peças infantis como outrora... Barrigudinho e careca, com um sorriso de triunfo vazio nos lábios, permanece até o fim dos seus dias um moleque que nunca cresceu. Parou no tempo.

Na mesma linha, todos conhecemos esses indivíduos que assumiram o papel de perpétuos «engraçadinhos», e que em todo lugar querem roubar a cena com um interminável repertório de piadas. Ou esses cinquentões que querem retornar aos seus vinte e cinco anos tingindo o cabelo, assumindo ares esportistas de uma elasticidade completamente ridícula... Ou ainda essas *socialites* que dão festas de aniversário para o seu poodle como se ainda fossem menininhas agarradas ao seu bichinho de pelúcia, ou essas senhoras que não aceitam a inexorável passagem do tempo e gastam fortunas com plásticas complicadas...

Tudo isto acontece bem ao nosso lado, e talvez bem dentro de nós mesmos... É possível que se encontrem nessa situação os nossos filhos, os nossos irmãos, os nossos amigos... ou os nossos chefes e dirigentes. Temos de ter a coragem de corrigi-los fraternalmente. O mundo necessita desesperadamente de maturidade: não sejamos nós também imaturos diante da imaturidade reinante. Todos temos de ajudar-nos mutuamente a progredir, começando por nós mesmos.

Uma segunda fonte de imaturidade pode ser localizada numa espécie de «*fixação retrógrada*» em determinado nível cultural ou educativo, numa incapacidade de assimi-

lar o que é novo devido a deficiências na formação que recebemos. Há muitos homens adultos que literalmente precisam ser «alfabetizados»: alfabetizados na vida afetiva, no relacionamento conjugal, no comportamento social, na vida espiritual... Há pessoas de vida intelectual paupérrima, praticamente incapazes de ler um livro ou de interessar-se por algo que não seja esporte, política ou focos sobre as celebridades do dia...

Não deveríamos desconsiderar a hipótese de estarmos entre elas: será que não temos também nós as nossas deficiências em algum desses campos? Na vida espiritual, por exemplo, em que infelizmente muitos ficam nas noções elementares do primeiro catecismo da doutrina cristã, quando não as esquecem?...

Lembro-me de um próspero comerciante do Rio de Janeiro – um grande entendido em decoração – a quem convidei para umas palestras de formação religiosa. Agradeceu comovido, mas acrescentou: «Não vou participar, sinto-me constrangido; sou batizado, mas não sei nem rezar o Pai-nosso». Respondi-lhe: «Razão a mais para que participe, não seja que permaneça sempre com o complexo de ainda não ter feito a Primeira Eucaristia... Se quiser, eu mesmo vou prepará-lo». Assim foi. Ficou radiante. E acabou por tornar-se um cristão pleno.

Ninguém, nem mesmo um adulto, deveria ter vergonha de sentar-se nas «cadeiras escolares» da vida. Parece que existe o preconceito de que o aprendizado estaria limitado a uma determinada faixa etária. Nada mais contrário à verdade, e hoje mais do que nunca, pois todos temos de familiarizar-nos com as bugigangas eletrônicas – computador, internet, agendas eletrônicas... –, sob pena de ficarmos enclausurados na «época da carroci-

na». Da mesma forma, também o crescimento da personalidade não tem limites etários: nunca é tarde para aprender. Mesmo a maturidade não existe como qualidade estática, pois está sempre em crescimento, como a própria personalidade.

A imaturidade pode também ser causada por um determinado tipo de *fraqueza de caráter*, que de certa forma segue o padrão do chamado *reflexo condicionado*. Como se sabe, no início do século XIX, um fisiologista russo, Ivan Pavlov, realizou uma série de experiências muito interessantes, que poderíamos resumir assim: um cachorro recebia um pedaço de carne, depois de tocada uma campainha. Repetiu-se a ação inúmeras vezes, até que chegou um momento em que bastava tocar a campainha para fazer o cachorro salivar, mesmo que não houvesse carne.

O que se verificou a respeito dos animais, foi constatado também no homem: não é «natural» que um homem breque o carro ao ver uma luz vermelha, mas o sistema de semáforos está de tal forma incorporado à mentalidade das pessoas que um cidadão se sente mal ao avançar o sinal vermelho, mesmo que não exista perigo nenhum. Houve, neste caso, um «condicionamento social». E poderíamos dar uma centena de exemplos como este...

Overstreet, um psicólogo americano de renome mundial, escreve: «Pavlov forneceu-nos uma revelação: mostrou-nos de que maneira – através desse condicionamento – inúmeras pessoas crescem para a vida adulta sem se tornarem psicologicamente maduras»². Evidentemente,

(2) H.A. Overstreet, *A maturidade mental*, Nacional, São Paulo, 1967, págs. 17-18.

nenhum homem pode ser inteiramente «programado», como se fosse um «robô» desprovido de liberdade, mas não me parece ousadia nenhuma dizer que, no clima cultural da nossa sociedade de consumo, existem fortes condicionantes que tornaram a imaturidade um fenômeno «globalizado». A propaganda maciça, persistente, persuasiva, tecnicamente sofisticada, condiciona a comprar, a gastar, apelando para as motivações e as paixões mais primárias: o amor, o prazer, o conforto, a ânsia de sucesso, de *status*. «Para ser feliz é necessário comprar o carro de marca X ou o celular de marca Y»; «Para subir de nível social é necessário morar no condomínio tal...»; «Não seja ridículo, brega, velhote: use a grife Z, que está na crista da onda...»

Tais apelos criam uma verdadeira «compulsão de compra». Pude observar em muitas ocasiões como as pessoas – mesmo católicos bem formados e alertados continuamente para a tentação do consumismo vazio – são incapazes de superar este condicionamento. Gastam, gastam e gastam...; gastam até o que não têm... E usam os cheques «especiais» e os cartões de crédito... E continuam gastando.

Esta falta total de domínio próprio faz-nos perguntar: onde estão os homens e as mulheres ponderados, que não se deixam viciar por determinados programas de televisão apelativos? Onde os homens que pensam por conta própria e não se deixam condicionar pela pornografia, veículo «insubstituível» da propaganda consumista? Onde as mulheres elegantes, que sabem prescindir das imposições de uma moda cada vez mais sensual? E os intelectuais e professores comprometidos com a verdade, que sabem prescindir dos jargões pedidos de empréstimo ao «pensamento

dominante» ou ao «politicamente correto»? E os universitários que seguem os ditames da vocação profissional mais profunda, superando o «reflexo condicionado» provocado pelo chamariz do dinheiro? Onde é que estão?

Há uma massificação da imaturidade que exige de cada um de nós uma posição vertical, ereta: trata-se de defender a nossa dignidade humana, sem permitir que as nossas características existenciais sejam condicionadas como uma simples secreção glandular ao toque da campainha dos «imperativos» sociais.

O filme da nossa época

Acabamos de apresentar um quadro que talvez possa parecer um tanto redutivo. Graças a Deus, há luzes nesse quadro. A época em que vivemos está ao mesmo tempo permeada de valores humanos de alta qualidade.

Não faltam indícios de mudanças no sentido da maturidade. Entre eles, podemos assinalar alguns mais significativos: o formalismo de costumes e o racionalismo intelectual herdados do século XIX, que estavam já num acentuado processo de necrose, vêm sendo superados por uma atitude mais espontânea, menos «engessada»; há um cansaço dos convencionalismos hipócritas de uma sociedade aparentemente puritana, mas que estava apodrecendo por dentro e pedia mais do que nunca uma maior «transparência» e sinceridade no comportamento individual, nas relações sociais e na administração pública; o fervilhar de iniciativas de voluntariado vem demonstrando que não faltam manifestações de solidariedade social, e está ganhando espaço o respeito à natureza, impulsionado pelos movimentos ecológicos, mesmo à custa de

alguns excessos... Marca igualmente uma forte presença a *sede de sentido*, a *fome de transcendência*, a procura de valores humanos e religiosos, como transparece claramente nessas concentrações oceânicas de jovens em Denver, Paris, Tor Vergata, Toronto, em torno de um Papa que não lhes falava precisamente de uma vida fácil...

É preciso reconhecer, no entanto, que sofremos a pesada carga de uma cultura extremamente superficial e egocêntrica, carente de valores humanos fundamentais, com traços típicos de uma imaturidade social e individual de vastas proporções. Como característica central dessa cultura, assinalaria o *subjetivismo*, tão característico do século XX, e que foi derivando para uma visão egoísta e doentia da vida, até chegar «ao entrincheiramento de cada um num individualismo atroz»³.

Qual é, com efeito, a medida, o critério de que se vale o homem médio da nossa civilização para analisar as coisas? Serão os valores humanos ou éticos – a honra, a coragem ou a sinceridade? Ordinariamente, não. O referencial é antes o que quer que venha a satisfazer os desejos subjetivos, e não o que esteja de acordo com determinados princípios de caráter objetivo.

Essa atitude dá lugar a três fenômenos típicos do início do terceiro milênio, e que constituem ao mesmo tempo os sintomas concretos do tipo de imaturidade próprio desta época: o *hedonismo permissivista*, o *relativismo moral* e a *frivolidade existencial*. Todos eles alinhavados por um *materialismo prático*, que valoriza a pessoa de acordo com o saldo da sua conta bancária.

(3) E. Rojas, *El hombre light*, 13ª ed., Temas de Hoy, Madri, 1997, pág. 41.

O *hedonismo*, o prazer conseguido a todo custo como lei máxima de todo comportamento, está inevitavelmente vinculado à *permissividade*, isto é, à submissão irrestrita a tudo o que for agradável. Há como que uma dependência do *prazer imediato* – «Tomar AGORA! Essa é a real», diz a propaganda de um conhecido refrigerante; «EXPERIMENTA! EXPERIMENTA! EXPERIMENTA!», é o slogan que gritam em coro aos ouvidos de quem reluta em provar uma nova marca de cerveja –, e está-se disposto a qualquer concessão para consegui-lo. Mergulhar no imediato e no novidadeiro parece um *reflexo condicionado* da nossa época.

É bem sabido que este é um dos sinais indefectíveis da imaturidade: a criança quer o que é bonito, o que se apresenta como vistoso ou inédito aos seus olhos, o que dá um prazer novo... E o quer «agora», não pode esperar... Como o adulto não pode esperar a compra do carro e recorre a créditos de juros altíssimos, mesmo sabendo que compromete a sua tranquilidade por meses e meses...

Quantos não terão de reconhecer que, ultrapassados já os trinta anos, continuam a exclamar como quando tinham cinco: «Quero o micro-ondas já!»; «Quero o celular já! Não dá para esperar: é para comprar já»; «O *notebook* (de última geração, claro) já era para estar nas minhas mãos *ontem!*...»

Como filho natural desse fenômeno, nasce, semelhante a um novo código de ética, o *relativismo moral*: os juízos de valor não obedecem a um critério permanente, o comportamento é bom ou mau em função das circunstâncias, do ponto de vista pessoal, da opinião majoritária... Não se procura viver e proclamar a verdade, mas relativizar a verdade para que sirva às nossas conveniências e aos

nossos desejos. O homem de hoje perdeu a bússola que marca o norte objetivo, orienta-se na direção do vento que sopra mais forte: é um cata-vento, uma *biruta*.

O crepúsculo dos valores é um dos dramas contemporâneos. Neste sentido, Enrique Rojas, catedrático de psiquiatria da Universidade de Madri e analista incisivo do nosso tempo, observa: «O homem de hoje – em não pequena medida – não sabe para onde vai; está perdido, sem rumo, desnorteado. Temos dois exemplos claros: nos jovens, a droga, e nos adultos, as rupturas conjugais. Ambos os aspectos nos colocam diante da fragilidade existente nos nossos dias»⁴.

Como faltam os valores, faltam também os *compromissos*. Os compromissos representam estabilidade; os desejos levam à versatilidade. Os desejos, como as sensações, variam de acordo com o estado de ânimo, a situação orgânica, as secreções hormonais... É por isso que uma instituição que exige estabilidade, como a família – o amor conjugal e a educação dos filhos – fica muitas vezes na dependência de uma inclinação momentânea: «Já não gosto da minha esposa; apaixonei-me por outra mulher...» E algo tão sagrado como a felicidade da família, do cônjuge e dos filhos, passa a subordinar-se a caprichos biológicos ou veleidades temperamentais.

Assim a vida vai se tornando superficial, sem profundidade: desliza pela rampa da *frivolidade*. «No homem essencialmente frívolo, não há questionamentos ideológicos nem inquietações culturais – diz-nos Rojas –. Quais são as suas principais motivações? Todas aquelas

(4) *Idem*, pág. 30.

que correspondem ao que Gilles Lipovetsky denominava o *império do efêmero*. Uma sociedade dominada pela frivolidade não é capaz de estabelecer sistemas, teorias ou esquemas possíveis para a vida. A regra de ouro é a *superficialidade*⁵.

E não pensemos que frívolo e superficial é apenas o *golden boy* surfista ou frequentador de festas *rave*; frívolo e superficial é também aquele seriíssimo sr. advogado, financista ou engenheiro cujas preocupações nunca saem da órbita do dinheiro, e nunca são capazes de se erguer para a esfera das grandes questões verdadeiramente humanas. «As universidades – diz Warren Bennis – estão preparando multidões de especialistas míopes que podem ser magos para ganhar dinheiro, mas que, como pessoas, são imaturas, inacabadas. Estes especialistas foram ensinados a *fazer*, mas não chegaram a aprender como *ser*»⁶.

Já não se procura *ser* cada vez mais em profundidade, mas *fazer* com um proveito pessoal cada vez maior... Já não se procura o que é verdadeiro, mas o que é lucrativo ou dá maiores comodidades. Em consequência, permite-se às atuais técnicas de comunicação manipular as pessoas de uma forma assustadora. A televisão, os vídeos e a internet parecem ser o único alimento intelectual de muitos, transformando-se numa espécie de «chupeita para adultos» que cria dependência, insufla desejos e caprichos... E o homem moderno torna-se um adulto-adolescente, manipulado nas suas ideias e desejos, recluso nos seus sonhos, perdido no corre-corre de um ativismo sem fim, e fadado irremissivelmente à frustra-

(5) *Idem*, pág. 54.

(6) W. Bennis, *Como llegar a ser lider*, Normal, Barcelona, 1990, pág. 67.

ção: a sua pátria são os seus desejos e a sua tessitura anímica, a imaturidade.

Embora quase se tenha conseguido banir da atmosfera cultural as questões eternas – «De onde venho? Para onde vou? Qual é o sentido da minha vida?» –, não foi possível, nem nunca o será, extirpá-las dos corações humanos. A resposta para essas perguntas não é dada nem pela pseudoerudição que tão facilmente se consegue «via internet» nem pelo fetiche tantas vezes invocado da «opinião pública». E quando não encontra essa resposta, o ser humano racional – que está sempre, consciente ou inconscientemente, à procura de uma *razão de ser* – fica angustiado. Daí que a *depressão* resultante da *angústia existencial*, esse fenômeno tão característico de fins do século XX e começos do XXI, seja em grande parte fruto daquilo a que Hans Magnus Enzensberger denomina a *mediocridade de um novo analfabetismo*⁷.

Este quadro negativo da imaturidade cultural não é, volto a insistir, uma radiografia completa da nossa sociedade. Os indícios de maturidade que apontamos acima representam certamente uma reação no sentido de um desejo autêntico, de fome e sede por valores sólidos, por critérios morais firmes e objetivos e por uma superação do infantilismo hedonista. É preciso fomentá-los e fortalecê-los; mas, acima de tudo, é preciso ancorá-los nos valores eternos – Deus e tudo aquilo que a fé profunda traz consigo: a paz, a segurança, a certeza de estarmos caminhando para a nossa felicidade –, que são como que o norte, a bússola, a rocha forte sobre a qual se há de erguer a maturidade plena.

(7) Cit. por E. Rojas, *El hombre light*, pág. 48.